

**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA**

NAYANNE ALMEIDA REIS

LETRAMENTO E LEITURA: um perfil do leitor jovem

Aracaju/SE

2016

NAYANNE ALMEIDA REIS

LETRAMENTO E LEITURA: um perfil do leitor jovem

Artigo apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito para obtenção de título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.

Orientador:

Prof. Me. Manoel Messias Rodrigues Santos

Coordenação do Curso:

Profa. Ma. Mônica Maria Soares Rosário

Aracaju/SE

2016

NAYANNE ALMEIDA REIS

LETRAMENTO E LEITURA: um perfil do leitor jovem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito para obtenção de título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.

Prof. Me. Manoel Messias Rodrigues Santos

Profa. Ma. Mônica Maria Soares Rosário

Nayanne Almeida Reis

Aprovada com média _____

Aracaju (SE), _____ de _____ de 2016.

RESUMO

O presente artigo apresenta aspectos relevantes para o entendimento do processo de leitura. A leitura não é apenas decodificar símbolos linguísticos, mas sim, interpretar e compreender o sentido do texto. Ela deve ser vista como um conjunto de comportamentos que se regem por processos cognitivos armazenados na memória do indivíduo, os quais afloram durante o contexto da atividade leitura. É preciso que o educador planeje bem suas aulas e com novas práticas de ensino para que o nível de letramento dos alunos aumente e se tornem pessoas altamente capacitadas para lidar com as leituras complexas que ocorrerão no decorrer de suas vidas. Mas, apesar de sua importância, muitos brasileiros têm por hábito ler pouco. Os governos, apesar dos esforços, não conseguem resolver o problema. Faltam-lhes visão, ousadia e coragem de fazer mudanças radicais na metodologia do ensino. De fato, o cidadão brasileiro carece de tempo, dinheiro e interesse para ler. Observa-se na nossa escola a excessiva preocupação com a escrita e a pouca atenção que se dá para o desenvolvimento da leitura. A pesquisa realizada provou exatamente isso. Muitos pais e estudantes mostraram falta de interesse na leitura, dando prioridade a coisas menos importantes para a formação do cidadão capaz de ler e compreender o que lê.

Palavras-chave: Leitura. Letramento. Texto. Práticas de ensino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 LETRAMENTO E LEITURA	10
2.1. Origem da palavra letramento	10
2.2 Conceito de leitura	11
2.3 Letramento Literário	12
2.4 Compreensão.....	14
3 A FORMAÇÃO DO LEITOR	16
4 MATERIAL E MÉTODOS.....	21
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
6 CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que a leitura é um caminho muito importante para a informação e, principalmente, para a formação do educando. Cabe aqui uma pergunta: Todo aluno gosta de ler? A resposta mais provável deve ser não. Então, como despertar no aluno o gosto pela leitura? Nem sempre essa é uma das tarefas mais fáceis. Ela apresenta dificuldades e propõe muitos desafios, os quais exigem dos adultos, pais e educadores, não apenas boa vontade, mas também esforço e dedicação constantes. Os pais não podem deixar toda a responsabilidade com os professores. É preciso que eles incentivem seus filhos antes mesmo de ingressarem na escola. Contando histórias antes de dormir com livros ilustrados para então poder despertar o interesse pela leitura.

Como se vê, não basta apenas querer, é preciso perceber e distinguir os vários obstáculos com que se defrontam, e buscar mecanismos que possibilitem ultrapassá-los. Tentar superá-los é a meta prioritária para qualquer um que queira enfrentar essa barreira e, com isso, ajudar a mudar o rumo da história de cada educando, fazendo-o entender que quem lê transcende o tempo e se permite uma viagem de prazer indescritível, visto que a leitura é uma experiência pessoal, ímpar.

Ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo. Trabalhar com a leitura nas séries iniciais é extremamente importante, pois muitas vezes os problemas relacionados com a falta de leitura e compreensão começam nestas séries. Cabe aos professores motivar os seus estudantes, levando textos interessantes, criativos e atuais para salientar nos alunos o prazer para ler. Textos mal escolhidos e ultrapassados desmotivam os alunos. Esse problema reflete na leitura onde não existe compreensão de ideias, onde o aluno reproduz as palavras do texto lido. Segundo Marisa Lajolo (1993 p. 93), “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida”.

A Lei n.º 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB (1996, p. 04), apresentando as finalidades da educação, diz e, seu título II – Dos Princípios e Fins da Educação Nacional que: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana,

tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Voltando-se para um processo educacional que vise o preparo para a cidadania, enunciado pela LDB, não se pode esquecer a questão da leitura, vislumbrando-a como um instrumento capaz de contribuir para a formação do cidadão/leitor qualificado e consciente de seu papel na sociedade. Para os PCN (2001, p. 54):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua, que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para abordá-los de forma a atender essa necessidade.

O trabalho didático-pedagógico com a leitura que tenha como finalidade a formação de leitores competentes, capazes de produzir textos eficazes, tem origem na prática de leitura. O objetivo da leitura é formar cidadãos qualificados para compreender diferentes textos com os quais se defrontam. Portanto, a escola deve oferecer materiais de qualidade para seus educandos, para torná-los leitores proficientes, com práticas de leituras eficazes.

A leitura é considerada como um dos meios mais importantes para se manter informada e aprender em todas as esferas do interesse humano, sendo condição para isso e para a excelência do ensino, a sua devida compreensão. Compreender um texto não se resume apenas em decodificar palavras ou mensagens. A compreensão de texto é um processo cognitivo.

Será realizada uma pesquisa com alunos do ensino fundamental do 8º ano que corresponde ao 9º ano do Colégio Cândido Portinari. Nessa pesquisa, iremos verificaremos se os alunos têm, além do hábito da leitura, a capacidade de interpretar aquilo que estão lendo.

É por meio da interpretação que os alunos irão compartilhar seus conhecimentos. Muitas vezes problemas relacionados com a falta do hábito da leitura começam nas primeiras séries. Textos mal escolhidos e ultrapassados desmotivam os alunos. Esse problema reflete na leitura onde não existe compreensão de ideias, onde o aluno reproduz as palavras do texto lido.

Como podemos estimular nossos alunos com o hábito da leitura? Será que só depende dos alunos, professores?

Foi feita uma pesquisa com o objetivo de mostrar a importância do letramento e leitura, diferença entre alfabetizados e leitores. A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação. De um modo mais abrangente, a alfabetização é definida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática e em suas variações. Entretanto, para que haja leitura não basta apenas a decodificação dos símbolos, mas a compreensão e a análise crítica do texto lido. Quando não há compreensão do que se lê no texto, esta leitura deixa de ser interessante prazerosa e motivadora. Pode-se considerar então que uma pessoa lê, quando esta entende o que o texto retrata. Pois quando esta apenas decodifica e não compreende, não se pode afirmar que houve leitura.

Outro objetivo da pesquisa é mostrar a realidade das escolas brasileiras. A negligência por parte de professores, dos pais e da sociedade. Tal realidade que muitas vezes é maquiada pelas autoridades. Também buscamos identificar a raiz do problema, a fim de encontrar soluções plausíveis.

2 LETRAMENTO E LEITURA

2.1. Origem da palavra letramento

O termo letramento é bastante atual no campo da educação brasileira. A palavra letramento surgiu pela primeira vez na década de 80 por Mary Kato em seu livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. À etimologia do termo, podemos fazer referência à Soares (2009), que quando afirma que a palavra letramento é uma tradução do termo inglês “literacy”, que por sua vez, tem origem do latim littera, que se refere à letra. A palavra literacy poderia ser decomposta da seguinte forma: littera (letra) + cy (condição ou estado de). Soares interpreta esta definição da seguinte forma: “[...] literacy é a condição de ser letrado” – dando à palavra, letrado “sentido diferente daquele que vem tendo em português (2009, p. 35, grifo da autora)”. Portanto, pode se inferir que letramento é o estado ou condição que o indivíduo passa a ter no momento que se envolve nas práticas sociais de leitura e escrita.

Segundo Tfouni (1988), letramento é definido como “[...] o confronto com a alfabetização e reafirma: enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita

por um indivíduo, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Soares (2006) define letramento “como resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever”. Sendo assim, letramento são as consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade como resultado de aprender a ler e escrever.

2.2 Conceito de leitura

Para situar o estudo a ser desenvolvido sobre leitura se faz necessário que se busque a definição desse termo. Ela envolve múltiplos processos que vai desde a decodificação das letras e das palavras até a escolha de estratégias de leitura. Além disso a atividade leitora vai além da percepção da página impressa pelos olhos, ela deve ativar o conhecimento prévio do aluno em relação a determinado assunto.

A leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcando o contexto social. Assim, um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que é atualizada a linguística e a temática por um leitor.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 53), instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, no tópico Prática de leitura, apresenta a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Prosseguindo, os PCNs (2001) afirmam que a leitura

Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita.

Para Kleiman (1989, p. 10), “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Portanto, a leitura deve ser entendida como o resultado de sentido. O texto é o resultado de um trabalho anterior do autor e chega até o leitor convidando, desafiando a sua importância da leitura. Ler não é, pois decodificar, traduzir, repetir sentidos dados como prontos, é construir uma sequência de sentidos a partir dos índices que o sentido do autor quis dar a seu texto. É claro que não devemos nos esquecer de que a constante interação entre o conteúdo do texto e o leitor é regulada também pela intenção com que lemos o texto, pelos objetivos de leitura.

De modo geral, podemos dizer que há textos que lemos porque queremos nos manter informados (jornais, revistas); há outros textos que lemos para realizar trabalhos acadêmicos (dissertações, teses, livros, periódicos científicos); há, ainda outros textos cuja leitura é realizada por prazer (poemas, contos, romances); e, nessa lista, não podemos nos esquecer dos textos que lemos para consulta (dicionários, catálogos), dos que somos ‘obrigados’ a ler de vez em quando (manuais, bulas), dos que nos caem em mãos (panfletos) ou nos são apresentados aos olhos (outdoors, cartazes, faixas).

São, pois, os objetivos do leitor que nortearão o modo da leitura, em mais tempo ou em menos tempo; com mais atenção ou com menos atenção; com maior interação ou com menor interação, enfim.

2.3 Letramento Literário

O termo Letramento, já bastante usual entre nós, remete aos processos de apropriação da escrita enquanto uma tecnologia cada vez mais fundamental nas sociedades modernas. Mais do que ao conhecimento de um código simbólico, o termo faz referência ao domínio de um conjunto de práticas sociais centradas na escrita (KLEIMAN, 1995; SOARES, 2006). O letramento literário seria visto, então, como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler texto em verso e prosa, mas dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética; saindo da condição de mero expectador para a de leitor literário.

Em primeiro lugar, o letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou

seja, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006b, p. 17).

O letramento literário precisa acompanhar, por um lado, as três etapas básicas do processo de leitura - antecipação, decifração do código e interpretação - e, por outro, o saber literário associado à função humanizadora da literatura. Segundo Cosson, a linguagem literária compreende três tipos de aprendizagem.

a) A aprendizagem da literatura, que se dá através da experiência estética do mundo por meio da palavra, e instiga os sentidos, os sentimentos e a intimidade, pois há uma relação tátil, visual, sensorial, emocional do leitor com o texto.

b) A aprendizagem sobre a literatura, que envolve os conhecimentos de história, teoria e crítica; prevalência dos didatismos nos currículos escolares.

c) A aprendizagem por meio da literatura, que está relacionada aos saberes e às habilidades proporcionadas aos usuários pela prática da leitura literária: ampliação do universo cultural do leitor através dos tantos temas humanos, sociais, políticos, ideológicos, filosóficos, dentre outros, que são tratados nos gêneros literários.

Os itens “a” e “c” são imprescindíveis na formação do leitor literário; entretanto, são as oportunidades de aprendizagens mais negadas nas práticas docentes, pois há uma preocupação exacerbada com questões meramente teóricas e, com isso, a literatura tem sido a grande vítima dos desgostos e dos fastios literários dos alunos. O prazer pela leitura literária passa pela interação significativa entre leitor e texto e esta, por sua vez, passa pelas condições de leitura oferecidas e pela imprescindível mediação do professor.

A realidade da leitura literária nas escolas e nas práticas pedagógicas ainda aponta para muitos equívocos que travam o desenvolvimento do letramento literário dos alunos. Assim, vale perguntar: e o letramento literário do professor? Pensemos nisso. A seleção de textos literários pelas escolas e pelos professores pode não estar contribuindo significativamente para a ampliação do repertório de leitura dos alunos.

Existem alguns agravantes, tais como: textos mal escolhidos e ultrapassados desmotivam os alunos. Esse problema reflete na leitura onde não existe compreensão de ideias, onde o aluno reproduz as palavras do texto lido. Consideremos também as condições limitadas e precárias oferecidas para a leitura

literária nas escolas, que vão desde a escassez de acervo até a ausência de bibliotecas ou mesmo de salas de leitura.

2.4 Compreensão

Compreender o outro é uma aventura, e nesse terreno não há garantias absolutas ou completas. Nossa compreensão está ligada a esquemas cognitivos internalizados, mas não individuais e únicos. O sociointeracionismo vygotskiano funda-se nas propriedades da mente social. Para Vygotsky, conhecer é um ato social e não uma ação interior do indivíduo isolado. A criança primeiro se apropria da linguagem como uma ação social e depois a internaliza para, a partir de uma atividade intrapessoal, fazer um uso interpessoal.

É por isso tomamos a língua como um conjunto de atividades sociais e históricas e não como um sistema apenas. Com ela guiamos o sentido e construímos mundos, mas não por força de alguma virtude imanente à própria língua como tal e sim pelo esforço dos falantes. Diante disso, vamos ver quer que compreender não é extrair conteúdos de texto. Por isso mesmo, nem tudo é visto por todos do mesmo modo e há divergências na compreensão de textos por parte de diferentes leitores.

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.

Em primeiro lugar, sempre que produzimos algum enunciado, desejamos que ele seja compreendido, mas nunca exercemos total controle sobre o entendimento que esse enunciado possa vir a ter. Isto se deve à própria natureza da linguagem, que não é transparente nem funciona como uma fotografia ou xerox da realidade.

Em segundo lugar, a interpretação dos enunciados é sempre fruto de um trabalho e não uma simples extração de informações objetivas. Como o trabalho é conjunto e não unilateral, pois compreender é uma atividade ouvinte, podem ocorrer desencontros. A compreensão é também exercício de convivência sociocultural.

Leitura como prática social os usos da leitura estão ligados à situação; Promover a leitura como uma ação solidária e coletiva no seio da sociedade. A leitura deve ter assim uma influência bastante clara sobre os processos de compreensão.

Sendo uma atividade de produção de sentidos colaborativa, a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais. Uma análise clara dos processos de compreensão envolvidos, devemos levar em conta algumas noções básicas. Entre elas estão três que merecerão atenção particular: língua, texto e inferência. É no uso efetivo da língua e de modo especial no texto em sua relação com seu leitor ou ouvinte que o sentido se constitui. Compreensão como decodificação, conduzem à metáfora da língua como veículo ou instrumento de construção do sentido e envolvem um sujeito isolado no processo. Centram-se no código e na forma linguística como o principal objeto de análise.

No livro *Ler e compreender: os sentidos do texto*, das autoras Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias, a leitura é abordada de uma maneira diferente, ou seja, ela explora a estrutura do texto, a construção de sentido e as diversas maneiras de leitura. Para Ingedore na sua primeira concepção de língua como representação do pensamento corresponde à de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações, o sujeito tem uma representação cognitiva e quer que o leitor assimile suas intenções, ações e ideias através do texto. No entanto, a concepção de língua como estrutura de sujeito determinado, “assujeitado” pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não “consciência”, é qualificado pela ausência dessa representação cognitiva.

A terceira concepção de língua como código, portanto como mero instrumento de comunicação e de sujeito pré(determinado) pelo sistema, ou seja podemos considerar o texto como um produto codificado pelo autor e decodificado pelo leitor, ou seja que para compreender o texto basta apenas saber o código, que são as letras do alfabeto. Na última concepção que é a interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/ construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto nesta perspectiva o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos.

A leitura é assim entendida como uma atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos adquiridos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos construídos sociocognitivo-

interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão somente ao leitor captar essas intenções. O quadro 1 apresenta um resumo dos termos discutidos e suas definições.

Quadro 1 – Resumo dos principais conceitos

Termo	Definição
Língua	Língua como código, portanto, como mero instrumento de comunicação e de sujeito pré (determinado) pelo sistema; Língua como representação do pensamento corresponde à de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações; Língua como estrutura corresponde a de sujeito determinado, “assujeitado” pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não “consciência”; Língua interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/ construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto.
Sujeito	Psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações.
Texto	É visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para o tanto, o conhecimento do código utilizado.
Leitura	A leitura é entendida como atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sociocognitivo-internacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções.
Sentido	Conhecimentos do leitor, condição fundamental para o estabelecimento da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade.

Fonte: KOCH, 2008

3 A FORMAÇÃO DO LEITOR

Mesmo com todo o esforço e recurso dispendido pelos governos nacionais, em cooperação com instâncias internacionais, os problemas subsistem. Segundo dados da Oficina de Estatística da UNESCO, em 1980 existiam no mundo 814 milhões de analfabetos de 15 anos ou mais. Apesar de uma melhora significativa de

porcentagem (43,5% em 1970 para 25, 7% em 1990), o número absoluto de analfabetos tende a aumentar de 742 milhões, em 1990, em consequência do conhecimento demográfico da ação ineficaz da escola regular. Por outro lado, a concepção de alfabetização funcional parece não ter atingido os objetivos esperados, estimando-se a permanência do analfabetismo funcional.

É certo que fatores estruturais desfavoráveis são determinantes na fragilidade dos resultados dos programas desenvolvidos até hoje. Mas parece existir um fato intrínseco da concepção de aprendizagem da leitura com base na alfabetização, que contribui para esse fracasso relativo.

Por que o brasileiro lê tão pouco? A primeira resposta costuma ser: porque o livro é caro. Ora, esse argumento só é válido em parte. Não é preciso comprar um livro para lê-lo. Ele está disponível em bibliotecas públicas, onde ninguém precisa pagar. Pode-se também pedir livros emprestados a amigos ou comprá-los por muito pouco num sebo. O brasileiro não lê porque não tem o hábito de ler, não gosta de ler. Se recuássemos no tempo um século, três quartos de século, encontraríamos um número significativo de leitores em nosso país. Hoje, o computador, a televisão, o cinema, o esporte e a agitação da vida moderna jogaram a leitura para o último plano na opção de lazer.

Volta e meia são publicadas pesquisas falando dos hábitos de leitura do brasileiro. São pesquisas que denunciam os baixos índices de alfabetismo, as dificuldades econômicas de acesso aos livros ou a pouca cultura livresca do país. Mas tais informações nem é preciso ser brasileiro para conhecer: elas não chegam a surpreender e evidenciam o que muitos já sabem há muito tempo.

De fato, o cidadão brasileiro carece de tempo, dinheiro e interesse para ler, e tais carências muito prejudicam a formação, manutenção e incremento do hábito de leitura no Brasil. Entre os jovens, geralmente, há pouca disposição para frequentar livrarias e consumir livros, e a média de livros lidos mensalmente entre leitores jovens e adultos é bem pequena, se comparada à de outros países.

A estas informações (que soam alarmantes para muita gente), somem-se todas as decantadas pesquisas, previsões, sondagens e especulações sobre o futuro do livro e seu provável fim enquanto objeto de leitura, e então temos perspectivas ainda mais sombrias. Diante de tal cenário, não é à toa que a Câmara Brasileira do Livro está implantando uma política para a promoção do livro nacional,

a fim de estimular o gosto de ler entre os jovens e, conseqüentemente, o consumo de livros.

Números tristes ou interessantes à parte, acho que se faz necessário dissociarmos o hábito da leitura do hábito de ler livros, começando por diferenciar uma coisa da outra. Leitura é algo muito mais abrangente do que ler livros, vai além do simples ato de fazer varredura visual de letras sobre folhas de papel.

A leitura, enquanto processo humano em constante evolução, é atitude complexa. Requer uma pré-disposição específica para a compreensão do mundo que nos cerca. Ultrapassa a mera apreensão do significado literal de palavras, estando ligada ao desenvolvimento de uma postura pensante ativa, humanística e integralizada. Em poucas palavras, ler é educar-se.

Ficamos restritos a um número muito pequeno de pessoas que se interessam verdadeiramente pelos livros e, em particular, pelos de literatura. Se os leitores são poucos, os livros são muitos. Os lançamentos chegam às livrarias como um tsunami literário, deixando os livreiros às voltas com o sério problema de expô-los. Como os best-sellers e os livros de autoajuda, estrangeiros na sua maioria, são uma aposta certa, acabam por inundar as bancadas mais visíveis, empurrando a produção literária nacional para um canto escondido. São esses livros já aprovados em outros países frequentadores constantes da lista dos mais vendidos, que se compram para presentear amigos. A eles, pode-se juntar os escritos por celebridades, que têm lugar garantido na mídia.

Há quem culpe as escolas públicas e particulares que não sabem levar os alunos a experimentar o prazer da leitura. Os professores, por sua vez, culpam os pais da nova geração que não têm o hábito de ler para os filhos, como faziam alguns, antigamente. Há ainda o lamentável fato de um grande número de escolas sem biblioteca própria. E há, ainda, as escolas que apesar de valorizarem leitura, carecem de metodologias adequadas para trabalhar este aspecto da subjetividade humana.

“É comum sentir uma preocupação obsessiva por parte dos educadores por “métodos” de alfabetização, preocupação essa causada pela busca ansiosa de um instrumento seguro para a consecução dos objetivos mínimos da escola: ensinar a ler e a escrever” (KATO, 2007, p. 5). Observa-se na nossa escola é a excessiva preocupação com a escrita e a pouca atenção que se dá para o desenvolvimento da

leitura. O insucesso escolar é avaliado principalmente em termos do desempenho da criança na produção da escrita. Continua Kato (2007, p.19-20),

É prática de grande número de nossas escolas, de privilegiar as atividades de escrita, parece fazer supor que a produção segue-se automaticamente a recepção. Em outras palavras, se o professor ensinar o aluno a escrever, o aluno aprenderá automaticamente a ler. Contudo, o exemplo dado por Ferreiro e outros tantos de que temos conhecimento mostram que a leitura pode ser adquirida independentemente da escrita. [...] É importante lembrar ainda que, ao ler, a criança tem como estímulo palavras e frases significativas, pelo menos no contexto natural de comunicação. Para escrever, porém, ela tem de combinar elementos como a letra ou a sílaba. O insucesso escolar poderia ser evitado se, em lugar da obsessão pelo “método”, a escola procurasse ser um verdadeiro laboratório de observação do que ocorre no processo da aprendizagem, abordando a criança como um sujeito ativo desse processo. O treinamento do professor não consistiria em meramente lhe suprir conjunto de técnicas e procedimento, isto é, verdadeiras “receitas”, mas, sobretudo em torná-lo consciente da natureza do objeto que vai ensinar e capaz de observar o processo de sua aprendizagem, nele intervindo de maneira a melhor ajudar os seus alunos.

Em 2003 o Brasil caiu para o vergonhoso 37º lugar em compreensão de leitura com estudantes na faixa dos 15 anos. Em 2001, o país ocupava o 32º lugar! Mais de 70% da população do Brasil não lê jornais nem revistas e o restante (30%) varia muito no grau de compreensão de texto. Enquanto que a Alemanha tem um índice anual de leitura de 25 livros por habitante, o Brasil tem apenas dois livros por habitante. Fora os didáticos, o índice per capita por ano, no Brasil, cai ainda mais, ou seja, é de 0,9 livros por pessoa. Estima que mais de 70% dos brasileiros nunca foram a uma biblioteca.

Reflexo dessa situação difícil afeta também os professores; 60 % dos professores brasileiros não têm hábito de ler. Em 2001, um estudo divulgado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), 41% dos docentes afirmaram ler ao menos um livro por mês, 34% deles eventualmente leem e 25% não responderam ou não costumam ler. Os motivos apontados são: baixo poder aquisitivo dos professores, preços elevados dos livros, falta de tempo e simplesmente falta de interesse para ler.

Os ambientes – escola e lar - sem livros e sem alguém como modelo de inspiração inviabiliza o desenvolvimento de hábitos saudáveis. É sabido que o professor e a mãe são as figuras que mais influenciam o gosto pela leitura. Ler em

sala de aula produz o mesmo efeito. O problema é que hoje a escola anda tão apostilada, os textos lidos já vem tão fragmentado que boicota a possibilidade de se extrair prazer na leitura.

A leitura de textos não se processa na simples decifração do código, mas sim no momento em que o documento escrito servir de instrumento para o ato de ler como exercício de compreensão do mundo e de si mesmo. Entendida desta forma, a leitura de textos escritos está em sintonia com a leitura entendida no seu sentido mais amplo, na medida em que auxilia o ser a estar “com o mundo”, diferenciando-se uma da outra apenas pelo tipo de linguagem e pelos instrumentos utilizados. As possibilidades que a leitura traz para o indivíduo são de ordem: PESSOAL, se considerarmos o enriquecimento cultural, o acesso ao saber acumulado e o prazer/lazer que propicia; ECONÔMICO - SOCIAL, se observarmos a maior chance de qualificação profissional e ascensão social; POLÍTICA, se pensarmos que o indivíduo crítico e atuante, cidadão emancipado, é um indivíduo que lê o seu mundo.

Pela importância e pelo quanto a mesma representa de possibilidades e emancipação, o domínio da capacidade de ler precisa ser encarado como um direito do homem. Ao conquistar esse direito e ao exercê-lo, o sujeito estará liberto da alienação, melhor preparado para ser emancipado. A leitura também contribui para a formação do ser humano, uma vez que possibilita o despertar de emoções e o estabelecimento de parâmetros, desencadeando a compreensão de si e a compreensão do mundo.

Há, ainda, outras funções da leitura propiciadas essencialmente pela leitura de obras literárias: o desenvolvimento da capacidade criativa e do interesse pela literatura como lazer e fonte de prazer. A literatura, bem como as outras artes, tem um alcance amplo porque, além de trabalhar a razão e a emoção, lida também com a imaginação, oportunizando o desenvolvimento dessa potencialidade. E nada melhor para transformar o mundo do que o homem criativo.

A leitura pode ser vista ainda como fonte de lazer, se for um ato espontâneo e proporcionar prazer ao indivíduo. O contato com a literatura poderá possibilitar momentos de verdadeiro “relax”, de encantamento e satisfação pessoal, além de exercitar a sensibilidade e o gosto pela arte literária. O lazer, pela satisfação que proporciona, é considerado uma necessidade do homem, indispensável a sua saúde física e mental. Convém lembrar, no entanto, que numa sociedade capitalista há pouco espaço para o lazer, por se privilegiarem atitudes que resultam em produção

e eliminar-se do projeto de vida toda atividade que representa perda de tempo, entendendo-se tempo como sinônimo de dinheiro.

4 MATERIAL E MÉTODOS

A leitura é, sem dúvida, um campo de pesquisa que tem muito a ser explorado. O objeto de estudo da atual pesquisa é analisar a leitura na formação do leitor jovem, e evidenciar a importância de discutir esse tema desde os primeiros anos da formação escolar, durante o desenvolvimento para que possa dar sustentação ao discente no decorrer de sua vida acadêmica e profissional o tornando capaz de não apenas realizar mecanicamente a leitura, mas interagir com os conteúdos a ele apresentados e ser apto a absorver, refletir e transformar as informações através da leitura.

Foi feita uma pesquisa empírica de caráter exploratória cuja coleta de dados de fontes primárias deu-se através de um questionário fechado aos estudantes do nono ano (antiga oitava série) do Ensino Fundamental do Colégio Cândido Portinari, localizada no bairro Santos Dumont em Aracaju. O levantamento dos dados foi tomado a partir de uma amostra de 28 estudantes do colégio.

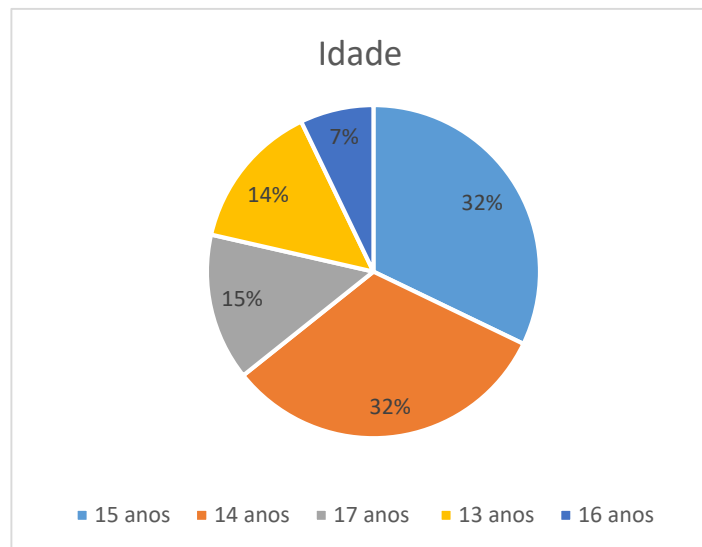
Sobre o hábito de leitura nas escolas algumas as variáveis analisadas foram: sexo, idade, tem livros, revistas e jornais em casa, gosta de ler, ao ler um texto, uma revista você para no início, apenas vê as figuras e a capa, vai até o final, para na metade, o que você prefere fazer nas horas de folga, você procura um livro para ler por iniciativa própria, iniciativa do professor ou por iniciativa de amigos, você tem compreende o que lê, o que mais dificulta o seu hábito de ler. Após a coleta dos dados pelo procedimento discriminado, foram realizadas análises sobre os resultados obtidos através do método estatístico descritivo, este envolve o cálculo da média, para que posteriormente, fossem utilizados nas discussões de caráter descritivo ou analítico no relatório da pesquisa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O público entrevistado caracteriza-se pela predominância do sexo feminino (57%) e pela faixa etária compreendida entre 14 e 15 anos, cerca de 64%, idade regular para alunos do último ano do Ensino fundamental.

GRÁFICO 1 – Faixa etária

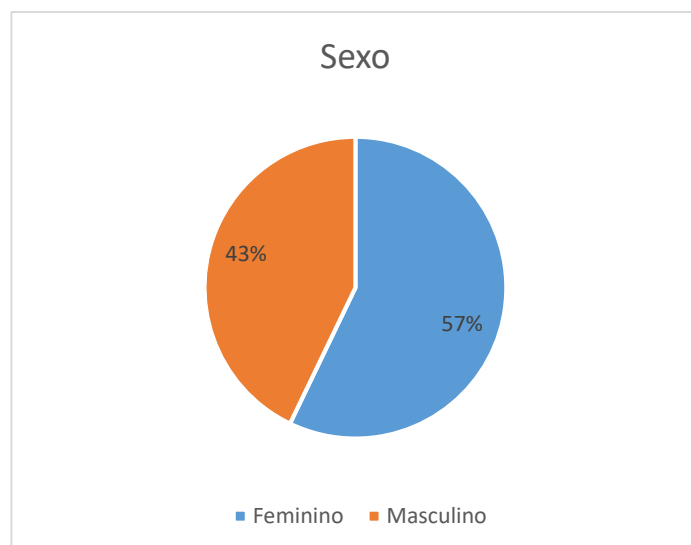
Idade	
15 anos	9
14 anos	9
17 anos	4
13 anos	4
16 anos	2



Fonte: Pesquisadora, 2016.

GRÁFICO 2 - Sexo

Sexo	
Feminino	16
Masculino	12



Fonte: Pesquisadora, 2016.

Quando perguntados sobre a presença de livros em casa, observou-se que 75% dos estudantes afirmaram não possuir livros em casa. Isso revela o quadro nacional de pouca importância dada ao livro no contexto familiar.

GRÁFICO 3 – Livros em casa

Livros em casa?	
Sim	21
Não	7



Fonte: Pesquisadora, 2016.

Já no que tange aos periódicos, notou-se que eles não fazem parte do cotidiano dos alunos, uma vez que 57% dos entrevistados asseguraram que não possuem revistas em casas e cerca de 86% não têm acesso a jornais.

GRÁFICO 4 – Revistas

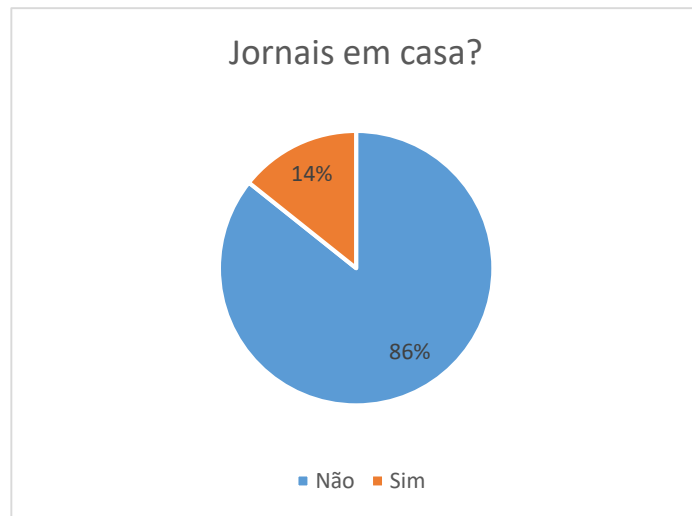
Revistas em casa	
Não	16
Sim	12



Fonte: Pesquisadora, 2016.

GRÁFICO 5 – Jornais

Jornais em casa	
Não	24
Sim	4

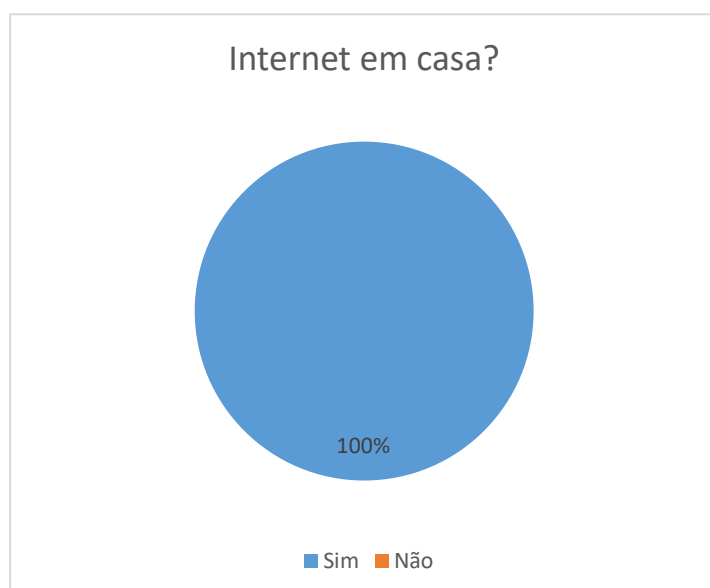


Fonte: Pesquisadora, 2016.

Por outro lado, todos os entrevistados (100%) asseguraram que possuem internet em casa, reforçando a forte tendência das gerações contemporâneas, marcadas pelas tecnologias da informação e da comunicação e cada vez mais inseridas numa lógica de velocidade e rapidez na aquisição da informação, mas que nem sempre consegue transformá-la em conhecimento.

GRÁFICO 6 - Internet

Internet em casa	
Sim	28
Não	0

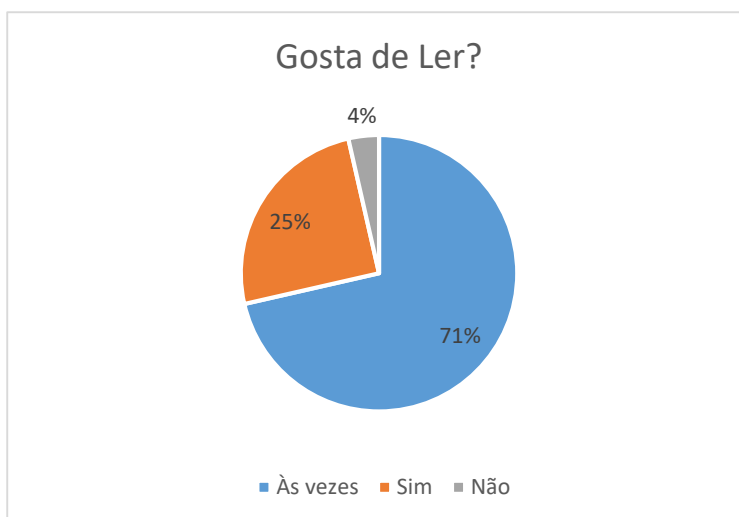


Fonte: Pesquisadora, 2016.

Quando perguntados sobre o gosto pela leitura, a grande maioria (71%) alegou que às vezes a leitura é algo interessante. Isso reforça a necessidade de se pensar estratégias que possam despertá-los para o gosto pela leitura.

GRÁFICO 7 – GOSTO PELA LEITURA

Gosta de ler	
Às vezes	20
Sim	7
Não	1

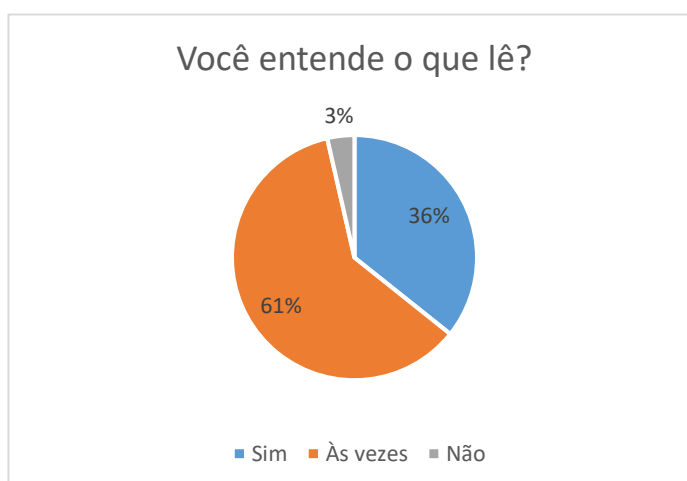


Fonte: Pesquisadora, 2016.

No que tange à compreensão do que lê 61% alegaram que apenas às vezes isso acontece, corroborando com o resultado do PISA brasileiro (2016) que acentua a dificuldade do aluno brasileiro em entender aquilo que lê. Isso dificulta o trabalho de compreensão e interpretação de textos, desenvolvido em sala.

GRÁFICO 8 – Entender o que lê

Você entende o que lê?	
Sim	10
Às vezes	17
Não	1

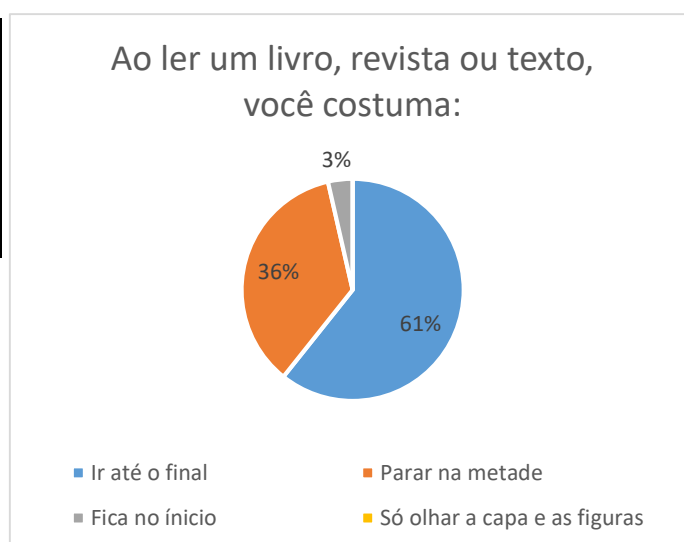


Fonte: Pesquisadora, 2016.

Essa situação torna-se ainda mais complexa se considerarmos que 61% afirmaram concluir a leitura do texto. Nota-se que eles apenas decodificam, sem grandes avanços no processo de construção de sentidos do texto.

GRÁFICO 9 – Comportamento diante da leitura

Ao ler um livro, revista ou texto, você:	
Ir até o final	17
Parar na metade	10
Fica no início	1
Só olhar a capa e as figuras	0

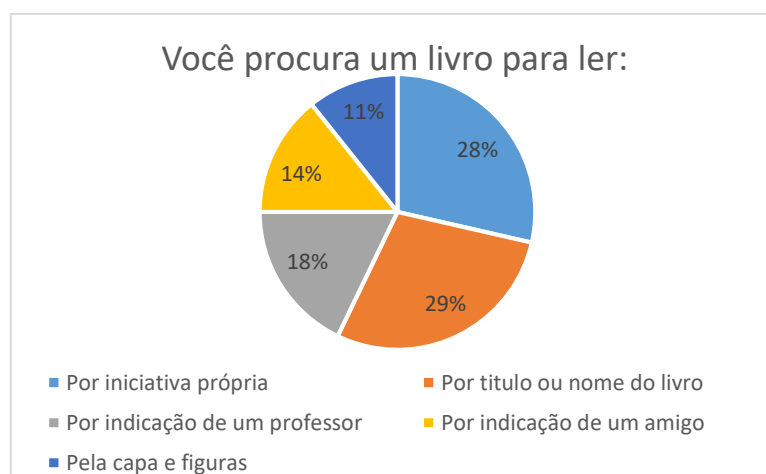


Fonte: Pesquisadora, 2016.

Quanto às motivações para a leitura, a grande maioria 28% asseguram que a procura de um livro se dá por iniciativa própria e as escolhas consideram principalmente o título do livro.

GRÁFICO 10 – Motivações para a leitura

Você procura um livro para ler:	
Por iniciativa própria	8
Por título ou nome do livro	8
Por indicação de um professor	5
Por indicação de um amigo	4
Pela capa e figuras	3

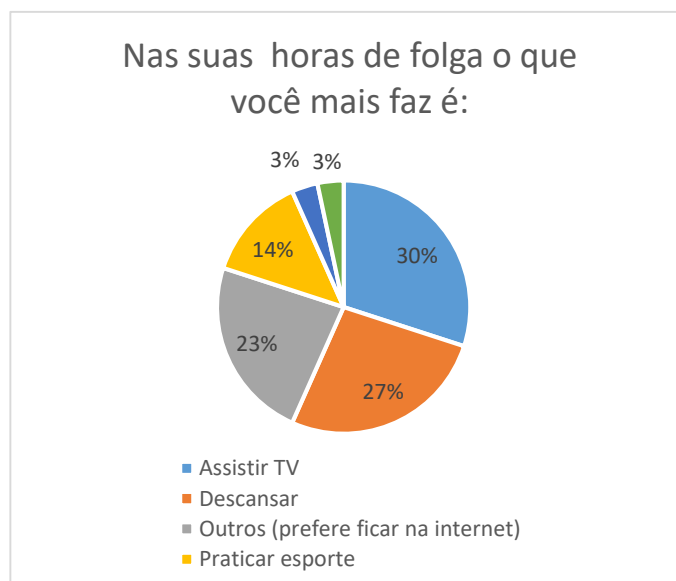


Fonte: Pesquisadora, 2016.

Nos momentos de ócio, os estudantes afirmaram que gastam o tempo para assistir TV (30%), para descansar (27%) ou navegar na internet (23%). Nota-se que a leitura não é vista como uma atividade lúdica que pode ser realizada nos momentos de folga.

GRÁFICO 11 – Atividades nas horas vagas

Nas suas folgas o que você mais faz é:	
Assistir TV	9
Descansar	8
Outros (prefere ficar na internet)	7
Praticar esporte	4
Brincar	1
Ler	1

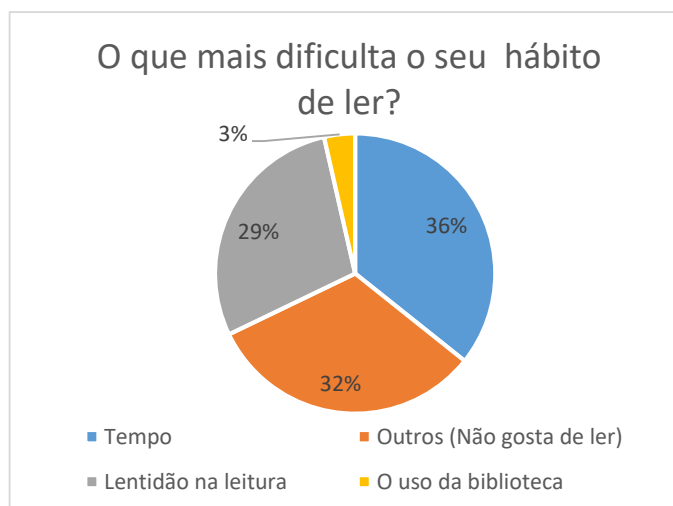


Fonte: Pesquisadora, 2016.

No que diz respeito às dificuldades enfrentadas no hábito de leitura 36% alegaram problemas de tempo, outros (32%) afirmaram que não gostam de ler e 29% responsabilizaram o ritmo da leitura.

GRÁFICO 12 – Dificuldades no hábito de ler

O que mais dificulta o seu hábito de ler?	
Tempo	10
Outros (Não gosta de ler)	9
Lentidão na leitura	8
O uso da biblioteca	1



Fonte: Pesquisadora, 2016.

Percebe-se, na maioria de nossas escolas, que a leitura não esta sendo trabalhada com objetivo de formar cidadãos capazes de compreender o uso da leitura como prática social de seu dia-a-dia, pois se observam crianças que chegam ao final do nono ano, série do ensino fundamental sem saber ler e escrever. Tem-se o conhecimento a respeito das praticas de leitura em nossas escolas, as mesmas concebem a leitura como sendo uma prática com um único fim: memorizar textos e responder questões mecânicas, sem darem nenhuma oportunidade para que o aluno possa expressar a sua criatividade.

“A leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino, para que esta se constitua em um objeto de aprendizagem é necessário que tenha sentido para o aluno” (PCN, 2001, p. 54)”. A atividade de leitura dentro da prática docente deve compreender uma prática social complexa, trabalhando com diversidades de textos e de combinações entre eles, incluindo a leitura de mundo. Trabalhar com leitura em uma prática que tenha significado para a vida do educando “significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes para “quês” - resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto” (PCN, 2001, p. 54- 55).

O professor, como facilitador da aprendizagem da leitura, deve procurar conhecer a realidade do aluno para a partir desta buscar novas metas que o ajudará a interpretar de forma organizada os conhecimentos que o aprendiz traz consigo para a sala de aula. Porém, é partindo dessas iniciativas que o professor criará situações de ensino que possa levar o educando a avançar no processo de construção da leitura, intervindo como mediador diante deste processo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rotineiramente são publicadas pesquisas falando dos hábitos de leitura dos brasileiros. São pesquisas que denunciam os baixos índices de alfabetismo, as dificuldades econômicas de acesso aos livros ou a pouca cultura. Como resultados da nossa pesquisa feita com os alunos do Colégio Cândido Portinari, no Santos Dumont, chegaram à conclusão que é necessário dissociarmos o hábito de leitura do

hábito de ler livros. Leitura é algo muito mais abrangente do que ler livros, vai além do simples ato de fazer varredura visual de letras sobre folhas de papel.

Conceituou-se letramento, que é a utilização das habilidades de escrita e leitura nas práticas sociais. Ainda se versou sobre a dimensão individual do letramento que se pauta nas habilidades individuais de leitura e escrita. Na escola o letramento é um processo, mais que um produto. Portanto, pode se inferir que letramento é o estado ou condição que o indivíduo passa a ter no momento que se envolve nas práticas sociais de leitura e escrita.

Falou-se também sobre compreensão, que foi de suma importância. A compreensão de texto é um processo cognitivo. Na compreensão de texto estão envolvidos aspectos cognitivos, ou seja, nossas faculdades mentais. Os conhecimentos prévios exercem uma influência muito grande ao compreendermos um texto pela nossa compreensão.

Ao término desse estudo, vimos que o processo da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental, é primordial para que possamos ter jovens e adultos leitores. Sendo assim, o sentido maior da leitura é garantir a escrita como um bem cultural no processo de ampliação e compreensão do mundo e, essa tarefa, não é completada apenas nas séries iniciais, uma vez que se constitui em um processo longo, que deverá ser iniciado, provocado, sustentado e desenvolvido durante as experiências escolares, afirmando que se forma leitores na relação dialógica entre aquele que ensina e aquele que aprende.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2001.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

FISCHER, Steven Roger. **História da Leitura**. São Paulo: UNESP, 2006. 384 p.

- KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- KOCH, Ingedore V. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, Ed. Ática, 1993.
- MARCUSCHI, Antônio Luiz; **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SOARES, Magda B. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. **Leitura**: História e Sociedade. São Paulo: FDE, 1988.

ABSTRACT

The present monograph presents aspects relevant to the understanding of the reading process. Reading is not only to decode linguistic symbols, but rather to interpret and understand the meaning of the text. It should be seen as a set of behaviors that are governed by cognitive processes stored in the individual's memory, which emerge during the context of reading activity. Educators need to plan their classes well and with new teaching practices so that the literacy level of the students increases and they become highly skilled people to deal with the complex readings that will occur throughout their lives. But, despite its importance, many Brazilians have a habit of reading little. Governments, despite their efforts, cannot solve the problem. They lack vision, boldness and courage to make radical changes in teaching methodology. In fact, the Brazilian citizen lacks the time, money and interest to read. One observes in our school the excessive preoccupation with the writing and the little attention that is given to the development of the reading. The research done proved just that. Many parents and students have shown a lack of interest in reading, giving priority to things less important to the formation of the citizen who can read and understand what he reads.

Keywords: Reading. Literacy. Text. Teaching Practices.